

Eleição Presidencial

Centro está lotado

O centro está cheio de candidatos, numa demonstração de que os presidencialáveis descobriram o fator de equilíbrio de suas campanhas. O sectarismo vai sendo superado velozmente pelos programas dos candidatos, sendo o mais recente fenômeno o da conversão do senador Mário Covas ao neoliberalismo, com a provável indicação do ex-governador Roberto Magalhães para seu vice. As análises indicam que as mais diversas áreas de opinião desejam perfis de maior competência administrativa, preferindo-os ao discurso retórico de palanques. O candidato do PSDB obteve uma notável melhoria na sua imagem de candidato depois do discurso no Senado. Ao mesmo tempo candidatos como os deputados Afif Domingos e Roberto Freire se adensam. Por que? A resposta poderá estar na enunciação, sem medo de superar o dogmatismo das patrulhas, de programas claros e desprovidos de chavões. Há quem diga que Freire está além de Gorbachev, o pai da modernização, e que Afif está aquém de Milton Fridman, o patrono da escola de Chicago.

Covas foi ao encontro dos dois, e passa a integrar a galeria dos candidatos de proposições mais reformistas dessa eleição. O ex-governador Fernando Collor de Mello estranhamente lidera a campanha sem uma só demonstração de que está engajado com a modernidade dos temas, a não ser uma tese sobre um imposto mundial para os países predadores do meio ambiente,

diante da qual governantes europeus torceram os narizes, pela inexequibilidade de um fisco ecológico mundial. Haveria sonegação às toras.

O ex-governador Aureliano Chaves tende a exercer influência sobre esse eleitor de centro que aspira a uma renovação de costumes e à eficiência do Estado. O candidato do PFL deverá fugir da tese do estatismo — cuja defesa lhe é erroneamente imputada — como o diabo da cruz. Estatismo não cará mais voto no País. Aureliano só deseja responsabilidade na privatização, para que não se torne negócio especial para os empresários amigos do futuro presidente.

Outro que poderá chegar ao centro é o ex-governador Leonel Brizola. O deputado Fernando Lyra, seu candidato a vice, tem competência para fazê-lo navegar em qualquer tendência. Lyra deu nova consistência à candidatura brizolista fazendo mudar rapidamente um discurso bolorento de liberal-democracia européia. Ora, se o País ainda nem sequer passou do capitalismo selvagem dos que manipulam o mercado financeiro, tornando-o uma ciranda doidivana, como iria saltar a uma etapa de socialismo mais sofisticado? Agora Brizola está bem, sem febre ou delírios, ao nível do mar, regido pela harpa de Lyra. Quem precisa chegar perto mais do país real é o deputado Luiz Inácio da Silva, que resiste impávido na sua fortaleza de dogmas. Quanto a Ulysses Guimarães, este perdeu tanto os dogmas quanto os os dólmãs de um festejado império.